

1

A Bíblia nos conta que a primeira atividade produtiva do homem, a sua única atividade paradisíaca, era chamar. Adão chamava os animais por nomes. Desta maneira assumia, simbólicamente, o governo da natureza. A etnologia, em seus estudos dos povos chamados "primitivos", depara com o fenômeno universal da magia do nome. A posse do nome do inimigo confere ao possuidor poderes sobre a sua pessoa. Chamar um nome equivale ao governar o algo que o nome "significa". O nome possui uma força poderosa e misteriosa, possui "mana". Conhecer o nome de uma divindade equivale à capacidade de provoca-la, invoca-la e evoca-la, tornando-a subserviente à própria vontade. O mágico é um provocador, invocador e evocador, um chamador que conhece os nomes. Os nomes são o tesouro mais precioso e herméticamente guardado da tribo. O nome de uma pessoa torna-se tabu depois de sua morte. Certas tribus são, portanto, forçadas a modificar a composição léxica da sua língua de geração em geração. A palavra "peixe", por exemplo, que era o nome de uma pessoa falecida, precisa ser substituída por outra. Pronunciar um nome em vão é um pecado terrivelmente castigado. Fausto, versado nas artes da magia, pergunta Mefisto por seu nome, porque sabe que "é possível ler a essência (Wesen) no nome". Mefisto, esse espírito diabólico (de "diabolein=jogar confusamente, confundir"), tentando confundir Fausto, diz que a pergunta lhe parecer ser pequena, vindo de alguém que despreza palavras. Entretanto exige, mais tarde, que o pacto firmado entre ambos seja fixado em palavras escritas. O desprezo da palavra é uma confusão que o diabo provoca para apoderar-se da alma. O poder da palavra, do nome, é salientado pelas religiões. O nome de Deus é impronunciável. Ele nos conduz pelos caminhos da justiça por causa de Seu nome. Também no mundo profano o poder é delegado pelo nome. A autoridade age no nome da República, da lei ou da justiça. O nosso nome próprio é equivalente ao nosso poder: autorizamos alguém de agir em nosso nome, cedendo-lhe, destarte, os nossos poderes. Em breve: "nomen est omen". Esta qualidade ominosa do nome e da atividade do chamar está sendo relegada ao esquecimento pelo espírito civilizado, o qual deixou, aparentemente, bem para trás a fase mágica do seu desenvolvimento, embora continue tentando "fazer um nome para si" e "conservar seu bom nome". Este "não se pense nele" freudiano, quanto ao nome, é significativo. É sintoma de uma repressão coletiva da qual a nossa civilização é vítima. O objetivo deste trabalho é fazer lembrar a função do nome e da atividade do chamar naquela disciplina que substitui, na nossa sociedade, o papel da magia: na ciência. A tarefa será de sugerir que a ciência se distinga da magia menos radicalmente de que geralmente estamos dispostos a ir. Fundamentalmente ela continua chamando.

A atividade científica pode ser descrita da seguinte maneira, (embora seja essa maneira um tanto heterodoxa): (1) o espírito empenhado nessa atividade chama um fenômeno para que este se apresente, (2) o fenômeno assim invocado recebe um nome (torna-se conceito), (3) o conceito assim denominado é enquadrado na lista de presença dos conceitos anteriormente chamados para ser contado, (4) a lista de presença é modificada para acomodar o novo conceito, (5) a posse da lista modificada, isto é a posse de todos os nomes dos fenômenos até agora chamados e organizados apropriadamente, proporciona ao espírito o governo sobre os fenômenos denominados. A fase (1) é chamada, comumente, "observação", a fase (2) "classificação", a fase (3) "experiência", a fase (4) "teoria", e a fase (5) "ciência aplicada". É preciso admitir que esta maneira de descrever a atividade científica é, além de heterodoxa, demasiadamente sumária. É, entretanto, suficiente para o objetivo deste trabalho. Deixemos de lado o aspecto epistemológico dessa atividade, isto é o problema: como se aproxima, no curso dessa atividade, o espírito do fenômeno, como o "conhece"? Concentremo-nos sobre o seu aspecto ontológico, sobre o problema: que tipo de realidade tem o fenômeno, que tipo de realidade tem o nome no curso dessa atividade?

O fenômeno, aquilo portanto que o espírito chama, não entra, propriamente dito, na lista de presença dos conceitos com os quais o espírito empenhado cientificamente se preocupa. Essa lista consiste exclusivamente de nomes. A ciência é uma disciplina que cria, organiza e combina nomes. Assim concebida, ela é um caso especial e especializado de poesia. Os fenômenos são aquilo que os nomes científicos chamam. A realidade desses fenômenos não é, portanto, um problema científico. Um exemplo ilustrará esse fato: A física clássica opera com o nome (conceito) "força". A física atual abandonou esse nome por razões da reorganização da lista de presença. Não interessa à ciência se o fenômeno chamado pelo nome "força" é real ou não. Outro exemplo contrário: A biologia atual opera com o nome (conceito) "biotopo". A biologia clássica desconhece esse nome. A realidade do fenômeno chamado por esse nome não entra nas cogitações da disciplina científica. É somente quando o cientista se põe a filosofar, isto é quando deixa de ser científico, que o problema surge. A ciência é portanto uma disciplina preocupada exclusivamente com nomes. Nomes são toda a sua "realidade". A ciência se resume na atividade do chamar. É uma atividade puramente linguística.

Cada ramo da ciência é caracterizado pelo tipo de nomes com os quais opera. Os nomes da física, por exemplo, tendem a ser símbolos matemáticos. Em geral, entretanto, os nomes científicos são emprestados à

*língua conversacional, mas mudam de significado. Por exemplo: o nome*

"atrapção", emprestado à língua conversacional, faz parte da lista de presença da física, química, biologia e psicologia. É evidente que este nome significa algo diferente, chama um fenômeno diferente, nos seus diferentes contextos. Seria portanto ingenuidade metafísica perguntar-se, se as diferentes ciências chamam "mesma realidade", se significam a mesma realidade. Cada ramo da ciência, operando com nomenclatura diferente, invoca e evoca algo diferente. As semelhanças entre as nomenclaturas não são pontos de contacto, mas fontes de confusão. Cada ciência é, portanto, um mundo completo, quase fechado sobre si mesmo. Na medida, entretanto, que cada ciência se expande, isto é na medida que chama novos fenômenos, cria novos nomes, invade, pelo menos aparentemente, o território de uma ciência diferente. Estes aparentes pontos de contacto entre as diversas ciências são, na realidade, zonas litigiosas. Um exemplo: a eletrólise da água pode ser interpretada fisicamente e quimicamente, forma portanto uma zona litigiosa. Com efeito, entretanto, é a "eletrólise" algo diferente na física e na química, não chama, não significa "a mesma coisa". Outro exemplo mais berante: a luz pode ser interpretada pela ótica e pela mecânica dos quanta. Entretanto, significa nos dois contextos "algo diferente". A luz "em si" o fenômeno "real", não entra em jogo.

*Aspectos diferentes de uma mesma realidade*

*As diversas quanto às interpretações suspensas de explicação*

É neste sentido problemático que cada ciência significa "a realidade inteira", e serve para explicar "toda a realidade". Nada impede explicar nos tudo fisicamente, psicologicamente, biologicamente ou economicamente. A nossa explicação será a enumeração da lista de presença de cada uma dessas disciplinas e será completa. Tomemos como exemplo "esta máquina de escrever". Este nome faz parte da língua conversacional e significa "algo". Enquadrado na lista da física, será um caso específico de um campo eletro-magnético, e significará "algo diferente". Enquadrado na lista da psicologia, será um caso específico de impressões sensoriais e significará "algo diferente". Enquadrado na lista da economia será um caso específico de produto, e significará "algo diferente". Pressupor-se que estes significados têm algum elo comum inarticulável, por exemplo uma "máquina-de-escreveridade", seria conduzir Platão ao absurdo. As diversas ciências são basicamente intraduzíveis uma sobre a outra, e todas elas são basicamente intraduzíveis sobre o nível conversacional da língua.

A especulação filosófica se esforça por estabelecer uma hierarquia das ciências e salvar, pelo menos em parte, o significado "real" da ciência. O mais impressionante desses esforços foi feito por Nicolai Hartmann. Entretanto, há algo de subjetivo e premeditado em todos esses esforços. O desejo é o pai deste tipo de pensamento. Nenhuma especulação pode en-

cobrir o fato de que "a realidade" não entra nas gogitações científicas, de que a ciência é, fundamentalmente, uma arte abstrata. Entretanto persiste o seguinte milagre: a ciência, quando aplicada, funciona. Consideremos essa "aplicação". O nome (conceito) científico, organizado e enquadrado na lista de conceitos da ciência específica, modificado portanto, é como que expellido da ciência, ele é proclamado, e se transforma em fenómeno, vira fenómeno novamente. Trata-se de um milagre autêntico: o processo não é intelectualmente acessível. Somos forçados a aceita-lo como dado. Devemos aceita-lo num ato da fé, num ato da fé na ciência, com efeito. Devemos crer que a ciência funciona, embora essa fé seja absurda intelectualmente. Devemos crer, em outras palavras, que há uma correspondência "real" entre nome e fenómeno, entre símbolo e o que o símbolo simbolisa. Esta posição é intelectualmente profundamente incômoda, mas não vejo como pode ser honestamente evitada. Ela é idêntica com a posição do "primitivo" em face da magia. E com esta consideração volto ao ponto de partida.

A magia, tanto quanto a ciência, funciona quando aplicada. O dançarino se transforma tão "realmente" em cangurú, e, após os ritos simbólicos apropriados, chove tão "realmente," quanto o uranio se transforma "realmente" em energia, e quanto o avião "realmente" vaa. O processo é, com efeito, o mesmo. O mágico, tanto quanto o cientista, chama o fenómeno, dá-lhe um nome, enquadra o nome na lista dos fenómenos já denominados, e, tendo invocado e evocado o fenómeno, o domina. As diferenças entre as duas disciplinas não são essenciais. A magia é hermética, a ciência professa não o ser, mas se torna mais hermética a medida que progride. O método mágico é ilógico, o método científico é aparentemente lógico, embora, recorrendo a induções e inferencias por enumeração, seja de uma logicidade discutível. Mas, mesmo aceitando a logicidade da ciência sem crítica, devemos admitir que nada nos autoriza a considerarmos o método lógico superior ontologicamente e epistemologicamente a qualquer outro. A ciência funciona "melhor" que a magia. Mesmo admitindo esta afirmativa, trata-se de uma circunstancia estatística, de uma diferença de gráu, não de qualidade.

Em conclusão podemos dizer que a ciência não passa de uma forma avançada e aperfeiçoada de magia, e consiste no chamar e proclamar de nomes. É uma actividade simbólica, linguística, e nossa civilização tem fé nela. Tão forte é essa fé que esconde o carácter da ciência aos nossos olhos, tanto quanto a fé do "primitivo" lhe esconde a qualidade da sua magia. Chamar continua sendo a actividade mais nobre do espírito.